



## **Fazer como prática de autonomia com o Boi da Floresta: cocriando para a superar a sazonalidade em uma comunidade criativa**

### ***Making as practice of autonomy with Boi da Floresta: co-creating to overcome seasonality in a creative community***

**Priscila Penha Coelho, Mestre em Design, UFMA**

priscila.penha@discente.ufma.br

**Luiz Lagares Izidio, Doutor em Design, UEMG**

lagaresiz@gmail.com

**Raquel Gomes Noronha, Doutora em Ciências Sociais, UERJ**

raquel.noronha@ufma.br

**Marcella Abreu Santos, Mestranda em Design, UFMA**

marcella.abreu@discente.ufma.br

**Maria Tereza Rodrigues Oliveira, Graduanda em Design, UFMA**

maria.tro@discente.ufma.br

[Linha temática: T4. Design artesanato]

#### **Resumo**

O artigo apresenta resultados de uma pesquisa que teve como objetivo produzir alternativas para a autonomia e sustentabilidade econômica de um grupo de bumba meu boi do estado do Maranhão. A partir de uma visão crítica sobre a cocriação, a produção e circulação de produtos artesanais, a pesquisa empreendida utiliza ferramentas de cocriação para chegar a produtos possíveis de serem produzidos pelo grupo, que ficam ociosos da prática do bordado durante o segundo semestre do ano, muitas vezes em situação de vulnerabilidade econômica e social. A cocriação realizada aconteceu a partir de oficinas e usos de ferramentas, e como resultados da pesquisa, além dos produtos cocriados, traz a reflexão por meio de triangulações envolvendo o percurso metodológico, as falas dos copesquisadores e a teoria acionada, gerando uma reflexão sobre o tema.

**Palavras-chave:** Cocriação; Autonomia; Boi da Floresta.

#### **Abstract**

*The article presents the results of research that aimed to produce alternatives for the autonomy and economic sustainability of a bumba meu boi group in the state of Maranhão. Based on a critical view of co-creation and the production and circulation of craft products, the action research undertaken uses co-creation tools to come up with products that can be produced by the group, which is idle from embroidery practice during the second half of the year, often falling into a situation of social vulnerability. The co-creation carried out took place through workshops and the use of tools, and the results of the research, in addition to the co-created products, provide a reflection through triangulations involving the methodological path, the statements of the co-researchers and the theory used, generating a reflection on the subject.*

**Keywords:** co-creation; Autonomy; Boi da Floresta.

## 1. Introdução

Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado<sup>1</sup> que busca investigar processos criativos e associativos de um grupo de artesãos que bordam no bumba meu boi da Floresta promovendo autonomia produtiva por meio da cocriação. O Boi da Floresta surgiu em 1972 e foi fundado pelo já falecido mestre Apolônio Melônio e atualmente é dirigido por Nadir Olga Cruz. A sede do grupo está localizada no bairro da Liberdade, na zona periférica de São Luís, área muito carente, onde há uma infinidade de problemas sociais que precisam ser vistos, mas não são alcançados pelas políticas públicas.

A sede do Boi da Floresta, além de abarcar o Boi<sup>2</sup>, ainda abriga um grupo de tambor de crioula, manifestação típica da cultura maranhense. Além de pagar promessas e cumprir rituais, o Boi cria e produz fantasias para os brincantes, ornamentadas de bordados e pinturas. O grupo é aberto e receptivo à construção de novas relações de processos de produção e criação, já foram desenvolvidas outras pesquisas<sup>3</sup> em parceria com eles, para desenvolvimento de produtos, serviços ou outros sistemas.

A partir desse cenário, o objetivo do artigo é apresentar o diálogo de cocriação desenvolvido com o Boi da Floresta para o desenvolvimento de produtos como alternativa de geração de renda e, conseqüentemente, autonomia, para o período de ociosidade na atividade do bordado para o Boi. Esse grupo de pessoas, que se caracteriza por formar uma mão de obra extremamente qualificada, fica à mercê de subempregos nos meses em que não estão ligados à prática do bordado com o Boi. Identificada esta lacuna, utilizamos o processo de cocriação com o grupo como meio de desenvolver alternativas para a autonomia produtiva.

Nesse processo, os saberes-fazeres do grupo alinhados aos princípios de design criaram oportunidades e perspectivas de atuação a partir da associação com o território e a temporalidade das produções artesanais do Boi da Floresta. O Boi é uma festividade de caráter cíclico e, por isso, ocorre a sazonalidade, entre o que se configura como período de trabalho e como período festivo. Nesse sentido, ao falarmos da produção de artefatos em função das festividades juninas, como algo remunerado, também estamos reforçando a reprodução cultural a partir dos esforços de uma comunidade. O artesanato é uma atividade que tem uma relação direta com o humano-território e, de maneira indissociável, e ainda promove a sustentabilidade dos objetos e de suas práticas.

As pessoas envolvidas na produção desta festividade, especificamente as da comunidade do Boi da Floresta, anualmente vivenciam o fluxo da sazonalidade da produção: no primeiro semestre dedicam-se às atividades artesanais para a produção da brincadeira, que envolve produção de indumentárias e adereços bordados; e durante o segundo semestre, realizam o

---

<sup>1</sup> Dissertação, Autonomia e Sustentabilidade: design participativo com os produtores dos bordados do Boi da Floresta, defendida por Priscila Penha Coelho, no PPGDg-UFMA.

<sup>2</sup> Boi é uma redução do Bumba-meu-boi; um termo pelo qual se faz referência ao Bumba-meu-boi a partir de um linguajar coloquial (IPHAN, 2011).

<sup>3</sup> Essas pesquisas foram desenvolvidas pelo Grupo de pesquisa narrativas em inovação, design e antropologia - UFMA

movimento de buscar outras atividades remuneradas, como postos de trabalho em supermercados, como empregadas domésticas ou diaristas.

Essa situação é percebida por Nadir Cruz, dirigente do Boi da Floresta, como vulnerável, já que o trabalho do bordado requer prática contínua e que, quando há esse distanciamento provocado pela contingência financeira, muitas vezes a artesã ou artesão envolvido não retorna à produção artesanal no ano seguinte, perdendo sua destreza e habilidade. Diante deste cenário apreendido a partir da aproximação com os artesãos que bordam com e para o Boi da Floresta, chega-se à seguinte questão: como construir processos de cocriação em design que possam garantir a participação ativa dos artesãos e ter possibilidade de geração de autonomia criativa com o Boi da Floresta?

Neste contexto apresentaremos, neste artigo, questões acerca do processo de cocriação desenvolvido em parceria com o grupo do Boi da Floresta e as reflexões realizadas a partir da aplicação de uma ferramenta de fotoelicitação, como parte do processo de pesquisa.

## **2. Identidade como produção de autonomia**

As comunidades criativas (Manzini, 2008) são agentes de mudanças sociais, econômicas, políticas e sustentáveis e como tal, são agenciadores de autonomia, pois auxiliam no processo de crescimento do meio em que operam, o que interfere diretamente na vida daqueles que delas participam. Na perspectiva atual, quando falamos em autonomia, é preciso compreender que a geração de renda é um dos aspectos capazes de fomentar mudanças sociais. Além disso, ao propormos o uso do saber-fazer das comunidades criativas e sua relação com o design, estimulamos o desenvolvimento social por meio do fomento da percepção de pertencimento dos indivíduos ao território, seu uso como possibilidade criativa, além de propor melhoria nos processos de produção e desenvolvimento de produtos e serviços.

A partir da prática da autonomia, é possível que se construa novas formas de pensar as relações com os processos de produção capitalista, que vão além do hiperconsumo e de práticas sustentáveis. Este pensamento reflete uma abordagem que busca equilibrar as práticas de consumo, como sugere Manzini (2008), deixando de lado o papel tradicional do design de fazedor de coisas para uma perspectiva de criação de espaços e sistemas sustentáveis.

Latour (2020) reflete sobre uma nítida, insustentável e ilusória percepção sobre o capitalismo como um sistema que nos fornece segurança, bem-estar, conforto, sustentabilidade e desenvolvimento. O discurso capitalista, baseado nas ações do Antropoceno, na verdade, traz consigo um descolamento da realidade no que diz respeito à maneira como estamos vivenciando o mundo. No entanto, quando posicionamos as relações com nossos copesquisadores como centro do processo de design e realocamos a vida para o centro dessas relações, acionamos outras formas de se fazer design, nas quais o foco se expande para os meios, fendas e intersubjetividades (Noronha e Furtado, 2021).

Por isso, autonomia pode ser entendida também como valor e, para além das visões capitalistas e dos lugares que elas nos colocam junto à colonialidade, é importante que entendamos sobre formas estratégicas para desenvolver e valorizar todos os tipos de conhecimentos e recursos, a fim de transformar e renovar o território e as tradições que nos tornam únicos, conforme aponta Escobar (2016).

O fazer como prática da autonomia nada mais é do que a reflexão sobre a própria identidade cultural, com a qual, a partir de processos de coautoria entre o designer e a comunidade, é

possível promover ações capazes de desenvolver projetos de inovação dentro de uma cadeia produtiva, sendo estes, espaços ricos em saberes.

A mediação do design nesses processos vem como forma de cocriar e desenvolver possibilidades de potencializar os valores impressos na produção e no consumo de artefatos fomentados por uma cultura determinada.

### 3. Procedimentos Metodológicos

Quanto à abordagem da pesquisa, esta pode ser considerada qualitativa. O objetivo desse tipo de abordagem é o de explicar fenômenos socioculturais e, por isso, é necessário informar aos leitores quanto à intenção de pesquisa qualitativa (Creswell, 2014). Possui natureza aplicada, pois intenciona resolver pontualmente uma questão identificada no campo de pesquisa (Buchanan, 2001). Do ponto de vista dos objetivos da pesquisa, esta se classifica como descritiva, pois trata de algo que já se tem uma compreensão sobre as variáveis associadas a um fenômeno em foco.

O método utilizado neste estudo é a pesquisa-ação, que se associa “a diversas formas de ação coletiva, é orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação” (Thiollent, 1986, p.14). A pesquisa-ação foi orientada pelo design participativo já que a cocriação faz parte da abordagem teórico-filosófica desta pesquisa. Neste caso, consideramos os participantes como copesquisadores, e não sujeitos ou apenas participantes da pesquisa, pelo compartilhamento do processo criativo durante todas as fases da pesquisa e a construção coletiva dos conhecimentos tácitos e acadêmicos, conforme nos orienta Spinuzzi (2005).

Ao aproximarmos a pesquisa-ação do design participativo, em busca de se construir uma estrutura metodológica, nota-se as abordagens se aproximam conceitualmente. Thiollent (1986) afirma que a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica, na qual a ação existe tanto por intermédio dos pesquisadores, quanto por conta do envolvimento dos participantes que vivenciam a questão central a ser estudada de modo colaborativo. A pesquisa-ação acontece intercalando etapas interdependentes de ação e reflexão, e esta se dá por meio das ações executadas em campo, conforme observa-se na Figura 1:

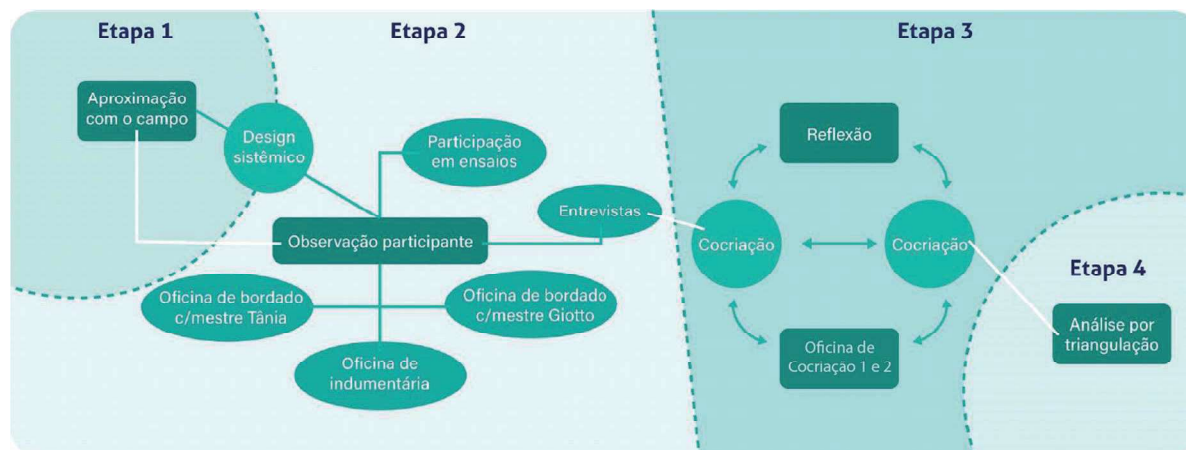


Figura 1 - Fluxo das etapas da pesquisa. Fonte: acervo da autora (2023).

Sendo assim, neste artigo, focaremos na etapa de cocriação, especificamente na aplicação da ferramenta de fotoelicitação, sua aplicação e na reflexão realizada a partir dos resultados alcançados a partir dela.

#### 4. Cocriando com o Boi da Floresta

Este item, o qual se constitui ao mesmo tempo como meio para se alcançar os objetivos e como resultado da pesquisa, já apresenta a descrição do processo de cocriação em si, e os debates dele decorrentes. Aqui acontece também o processo de triangulação dos dados (Minayo, 2005), evidenciando e articulando os fatos que são narrados, as falas dos copesquisadores, as percepções dos pesquisadores e os diálogos com a teoria acionada na pesquisa.

Ao falarmos de cocriação é importante considerarmos que o “design é um processo de interação social que influencia e é influenciado pelos interesses múltiplos dos diversos grupos sociais que participam de seus processos (Izidio, 2019). Nesse sentido, apresentaremos o processo de desenvolvimento e aplicação de uma ferramenta e ao mesmo tempo os resultados e debates que ela suscita.

Pensando nesse processo de troca de saberes a partir do processo de cocriação em design, foram planejadas oficinas junto ao grupo, e elaborado um escopo do projeto geral, compartilhado com integrantes do Boi da Floresta, desde a direção até os artesãos. A partir disso, formamos um grupo com sete pessoas, que manifestaram interesse pelo projeto. Alguns artesãos foram indicados por Nadir Cruz, devido a disponibilidade de tempo e a participação mais ativa nos projetos do Boi da Floresta. É importante que entendamos como foram os processos e quais as ferramentas utilizadas ao longo dessa jornada. Portanto, o esquema abaixo (Figura 2) resume as atividades elaboradas no decorrer das oficinas de cocriação.

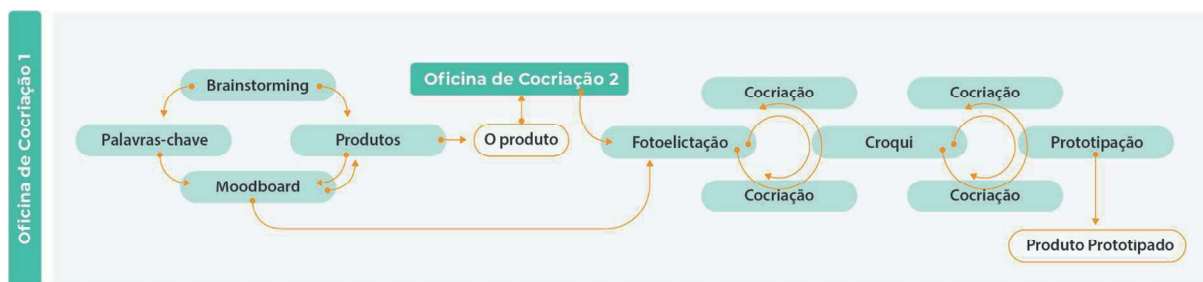


Figura 2 - Esquema de ferramentas utilizadas para desenvolver o processo cocriativo.

Fonte: acervo da autora (2023).

As oficinas de cocriação 1 e 2 foram realizadas com o intuito de desenvolver um produto à escolha dos participantes, em diálogo com a questão da sazonalidade da produção dos bordados. Conforme a Figura 2, observamos que na oficina de cocriação 1, o processo se iniciou por meio da aplicação da ferramenta de *brainstorming* com o objetivo de que os coparticipantes pensassem em palavras-chave que fossem capazes tanto de descrever o Boi quanto a sensação daquilo que os coparticipantes sentem em relação a ele. Posteriormente, foi elaborada a ferramenta de *moodboard*, com a qual os artesãos, a partir das cinco palavras escolhidas na atividade anterior, puderam fazer uma releitura, por intermédio de imagens relacionadas à cultura do Bumba-meu-Boi e a seus elementos.

Em seguida foi feito um segundo *brainstorming* para que fossem escolhidos os produtos que



os coparticipantes gostariam de trabalhar. Nesta etapa foram selecionados quatro produtos e, dentre eles, um foi eleito para a cocriação na oficina seguinte.

Na oficina de cocriação 2, foi utilizada uma ferramenta de foelicitação, com a qual, a partir de imagens pesquisadas pelos artesãos para a elaboração do *moodboard* da fase anterior, foi possível trabalhar seus conceitos numa visão subjetiva, de acordo com a atmosfera e com toda influência advinda das oficinas e conhecimentos anteriores.

A partir daí, as imagens que fizeram parte da fotoelicitação serviram de apoio para a busca referências que gerassem ideias de desenhos e croquis, a fim de reproduzir manualmente em protótipos de camisas. Todo o processo é descrito no subitem a seguir.

#### 4.1 Oficina de cocriação 2

Esta oficina teve como objetivo desenvolver possibilidades de criação de um dos produtos escolhidos pelos copesquisadores no processo de *brainstorming* feito na oficina de cocriação 1. A oficina aconteceu em dois encontros e contou com quatro participantes. Nela, a partir da ferramenta de fotoelicitação, foram geradas alternativas para o desenvolvimento de protótipos.

##### 4.1.1 Aplicação da ferramenta - primeiro dia

A partir de imagens catalogadas pelos copesquisadores na oficina de cocriação 1, durante a pesquisa de imagens atreladas as palavras-chave escolhidas por eles para representarem o boi na ferramenta *moodboard*, a saber 'bordado, energia, prazer, vibração e inspiração', foi desenvolvida a ferramenta de fotoelicitação utilizada nesta etapa, a qual podemos observar a seguir, na Figura 3:



Figura 3 - Imagens Fotoelicitação. Fonte: acervo da autora (2023).

A elicitação por fotos baseia-se na ideia de se utilizar a imagem como forma de entender a representação simbólica da figura por intermédio de questionamentos. Harper (2002) fala a respeito da diferença entre entrevistas que se utilizam de imagens relacionadas àquelas que se utilizam de texto. Para ele, essa diferença “reside na forma como respondemos a estas duas formas de representação simbólica.” (op.cit, p.13, tradução nossa). Para o autor, imagens evocam aspectos mais profundos da mente humana em comparação com as palavras. Comunicações baseadas exclusivamente em texto exploram menos a capacidade cerebral do que aquelas em que o cérebro está engajado no processamento tanto de imagens quanto de palavras (op. cit.).

A partir daí, foi elaborada a ferramenta de fotoelicitação (Figura 4), com o intuito de fazer com que os copesquisadores aprofundassem ainda mais algumas questões levantadas na oficina

de cocriação 1, lembrando as suas referências, o porquê delas, e associando-as aos conteúdos estudados sobre cores, composição, tendências, produtos e processos criativos.



**Figura 4 - Ferramenta de Fotoelicitação. Fonte: acervo da autora (2023).**

A ferramenta é formada por três partes. A primeira, indicada pelo número um na figura 4, diz respeito à referência de imagem. Algumas imagens utilizadas fazem parte do *moodboard* feito anteriormente na oficina de cocriação 1 e outras foram escolhidas pelos pesquisadores. Todas tinham como objetivo relacionar a atividade de criatividade com o imaginário apresentado pelos copesquisadores no processo de *brainstorming* da primeira atividade. A segunda parte, indicada pelo número dois na figura 4, trata-se de um espaço no qual os copesquisadores puderam elencar elementos presentes nas imagens que trouxessem suporte para o processo de criação e de construção de outras imagens, como por exemplo, elementos estruturais, formas, linhas, planos, cores e, também, elementos subjetivos, como: ideia de movimento, sensações e qualquer outra possibilidade de sentimento que a imagem pudesse trazer para eles. E por fim, a terceira parte, indicada pelo número três na figura 4, trata-se de um espaço para que cada copesquisador pudesse expressar-se de maneira livre e criativa, a partir de desenho, colagem, recorte de revistas e qualquer outra maneira criativa, os elementos que eles identificaram como possíveis de serem utilizados no processo criativo. Dessa maneira os copesquisadores criaram novas imagens a partir da imagem de referência, formada por elementos que eles mesmos identificaram como importantes para a criação de produtos.

A Figura 5 mostra o resultado da atividade de fotoelicitação preenchida pelos copesquisadores. As características descritas na imagem abaixo foram: a saia do Boi com os paetês; e assim foi descrito por uma artesã:

O brilho me chamou atenção, a imagem do Boi é como se ele tivesse vivo olhando pra gente; a boca aberta do Boi como se falasse ou comesse algo; a estampa da roupa da onça, cores da onça; gosto do colorido.”<sup>4</sup>

É importante salientar que esse tipo de exercício abre espaço para novos olhares e formas de criação. Treinar o olhar criativo e apresentar-lhes novas formas de identificar características importantes da própria cultura, fortalece o desenvolvimento de novas ideias e de sua

<sup>4</sup> Descrição da atividade de fotoelicitação feita por Gisele, concedido à Priscila Penha Coelho em 11.08.2023.

criatividade. O objetivo deste processo descritivo foi estimular o pensamento sobre a relação do Boi com a comunidade, identificando quais elementos poderiam ser utilizados como objeto interpretativo a fim de transformar a imagem em uma ideia palpável.



**Figura 5 - Aplicação da fotoelicitação preenchida pelos copesquisadores. Fonte: acervo da autora (2023).**

Após o processo descritivo, foi proposto que os artesãos representassem as percepções e as palavras descritas a partir de imagens encontradas em revistas e desenhos que podiam ser feitos por eles, em um exercício de ressignificação do que foi descrito. Com cola, papel, tesoura, recortes e alguns rascunhos, as palavras sofreram uma ressignificação, sendo um processo pessoal e intuitivo, a partir de suas vivências com o Boi e da percepção e descrição experimentadas pela ferramenta de fotoelicitação. Esse processo de ressignificação traz algumas características relatadas na parte 02 da imagem, que conseguimos perceber na colagem (parte 03) como: a onça, o brilho, as cores e a predominância do rosa. A imagem do vestido preto com as linhas veio da ideia do lado avesso do bordado feito pelos artesãos, como relata a coparticipante, Gisele:

Parece com nosso bordado quando a gente coloca no pano, no veludo pra bordar. Essas linhas, esses traços, olha bem. Eu achei que parece, quando a gente está iniciando, parece até com a costa, as linhas, como se fosse a costa do bordado, não é não? O avesso, muito bonito. Ai, já gostei.<sup>5</sup>

É possível observar como os coparticipantes veem dentro do seu contexto e vivência a forma de representar o seu próprio universo. É interessante vê-los interpretar as imagens a partir do seu cotidiano e observá-los refletir e exercitar a visão sobre um mundo que elucida suas ideias.

#### 4.1.2 Aplicação da ferramenta - segundo dia

No segundo dia da oficina, foi sugerido que a partir de todas as referências desenvolvidas com a ferramenta de fotoelicitação, fosse elaborada uma ilustração ou croqui para a

<sup>5</sup> Depoimento de Gisele, concedido à Priscila Penha Coelho em 11.08.2023.



customização das camisas (*upcycling*)<sup>6</sup> a partir dos materiais disponibilizados. A customização ou *upcycling* é “usado mundialmente, pelos mais variados motivos e setores, como mobiliário, moda, utensílios entre outros” (Moura, 2017, p.09). A Figura 6 mostra a ferramenta usada como base para o desenvolvimento de alternativa para a criação, além de um dos croquis desenvolvidos a partir dos elementos identificados na ferramenta de fotoelicitação.

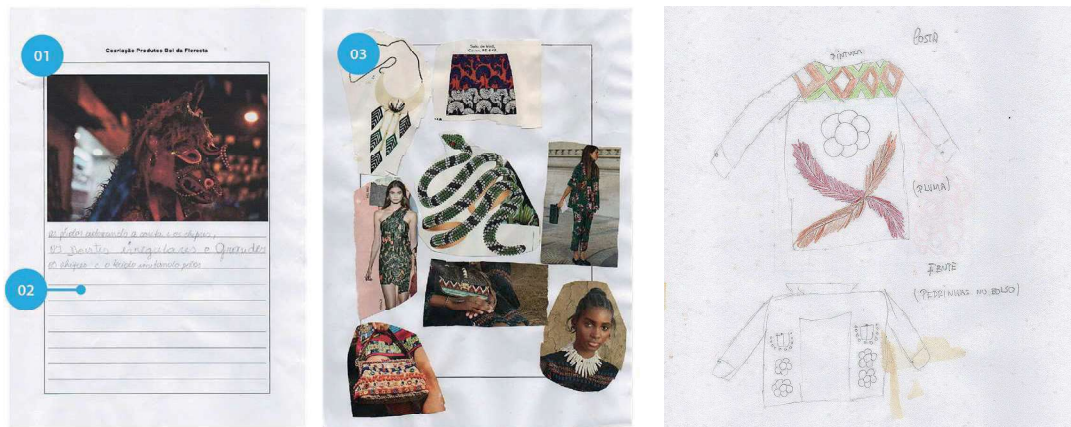


Figura 6 - Imagens de Referência e croqui. Fonte: acervo da autora (2023).

Com o croqui pronto, materiais disponíveis e as camisas para a elaboração da peça, foi iniciada a customização. Utilizando-se de linhas, bordados, técnicas de costura e bordado com linha, aplicação de tecidos, as peças foram nascendo e se transformando em algo completamente novo e colorido.

## 5. Outros resultados

No tópico anterior foram apresentados alguns resultados da aplicação da ferramenta de fotoelicitação no processo de cocriação de produtos com os copesquisadores do Boi da Floresta. Aqui, traremos outros aspectos elucidados a partir da ferramenta e do processo de prototipação.

Alguns relatos foram feitos durante o processo de customização das peças, pois houve algumas dificuldades encontradas pelos coparticipantes surgindo, então, diálogos e trocas de experiências. Abaixo, a artesã Gisele ajuda os demais a elaborar um detalhe da peça:

Não seria melhor enrolar no papel? Aí vinha com uma linha assim por baixo e franzindo assim, ó. Enrolou no papel, aí pega uma agulha com linha e faz assim como se fosse alinhavando, aí tira o papel e dá uma puxadinha que franze.<sup>7</sup>

Esse relato nos remete à tangibilização de ideias, sentimentos e sensações como parte da experiência com os objetos, neste caso, com os materiais disponibilizados. A partir deles podemos dar um sentido visual a algo. É importante percebermos que criar é uma forma de releitura de vivências e experimentações, como ocorreu nesta oficina e que, no fim, os quatro

<sup>6</sup> uma forma de recriar, que prega a moda feita para ser durável e não apenas uma tendência passageira e descartável, como disseminada pelo *fast fashion*, que visa apenas o consumismo e tem por consequência aspectos como a massificação de tendências e, conseqüentemente, de estilos, bem como o consumismo exacerbado, o que transforma os indivíduos, conforme cita Feghali *et al* (2008, p. 14 e p. 17), em “vitrines globalmente montadas”(…) (Moura, 2017. p.13).

<sup>7</sup> Depoimento de Gisele, concedido a Priscila Penha Coelho em 12.08.2023.

coparticipantes produziram duas peças de forma a otimizar todos os conhecimentos adquiridos durante a pesquisa e oficinas elaboradas concomitante ao cotidiano que os cerca.



**Figura 7 - Peça prototipada: camisa/ Modelo: Mariano. Fonte: acervo da autora (2023).**

Algumas questões sobre os processos produtivos dos produtos do Boi da Floresta foram levantadas durante as oficinas de cocriação, principalmente os relacionados às questões de tempo, pois é de suma importância que a criação e produção de produtos respeite os períodos e datas de comemoração e apresentação do Boi, que apesar de serem em menor quantidade no segundo semestre do ano, ainda existem e precisam ser respeitados, pois são parte de sua cultura e crença. Essa ideia é reforçada a partir dos relatos de Nadir Cruz, sobre oficinas anteriores que foram realizadas com o intuito de gerar renda a partir da produção de produtos para o Boi da Floresta.

E aí por exemplo, vamos produzir tal, mas determinados momentos em que nós temos aqui o ritual e que não podem ser interrompidos, nós não estávamos produzindo, e aí mais um obstáculo. A gente precisa aprender uma forma, alternativa, de trabalhar o lucro, mas não interromper os rituais e o tempo do Boi.<sup>8</sup>

Vergés (2020, p. 39) remonta essa relação com o tempo a partir da história e da ideia da decolonização, a concepção de se respeitar os momentos e os rituais se liga a sua ideia de justiça, seja ela “(...) justiça reprodutiva, justiça ambiental e crítica na indústria farmacêutica, direito dos/as imigrantes, dos/as refugiados e fim do feminicídio, luta contra o Antropoceno-Capitaloceno racial e luta contra a criminalização da solidariedade”.

Superar as ideias colonizadoras de um patriarcado requer, segundo Escobar (2016, p.39, tradução nossa), além de uma “cura cultural interna, a revitalização das tradições e a criação de outras novas.” E para isso, é necessário que entendamos que a concepção da ideia de autonomia está ligada às práticas associadas, à reelaboração dos modos de fazer (Escobar, 2016, p.40, tradução nossa). Portanto, quando a comunidade do Boi trabalha dentro das condições do espaço, estamos fortalecendo pensamentos e práticas matriarcais, capazes de fortalecer a autonomia dos territórios.

Há uma outra questão abordada durante os encontros realizados na comunidade, esta é

<sup>8</sup> Depoimento de Nadir, concedido a Priscila Penha Coelho em 11.08.2023.

relacionada ao lucro e ao fazer

Outro obstáculo: visualizar o lucro direto, porque quando é para o Boi, nós temos uma filosofia de vida que envolve sentimentos. Aí quando entra a questão do sentimento no fazer, ele deixa de ser só o lucro. O propósito principal não é só ganhar dinheiro, nós queremos, mas não é só isso, existe uma outra coisa no meio.<sup>9</sup>

Essa “outra coisa” que não tem definição exata, e que pode ser nomeada, aqui de “êxtase”, é o que é sentido e dá sentido à produção artesanal. Um emaranhado de emoções que se formam a partir da experimentação do saber-fazer e da expectativa de um resultado palpável inspirado por um universo intangível. Esse encantamento do saber-fazer, segundo Mourão (2022) vem da

(...) experimentação de sentir as etapas em um contexto de construção do conhecimento e da importância no processo. Essa aptidão envolve um ato do sentir, em conjunto, entre as pessoas envolvidas, com os sentidos das ações.(...) A tradição dos modos de fazer manual é estimulada como vivência e economia social importante para o desenvolvimento local. O aprendizado entre gerações tende a se preservar nos lugares, onde a memória se faz como valor cultural imprescindível (Mourão, 2022. p.3 e 4);

Como parte desse valor da memória é importante também considerarmos os processos e o tempo das pessoas da comunidade, pois isto também é herança das gerações. Assim, organizando os sistemas produtivos de forma que não os amarrem às atividades que não possam ser maleáveis, tanto em questão de ideias, quanto de sua produção e reprodução. Noronha (2011, p.124) discute essa relação com o tempo ao falar que há “concepções diferentes de tempo - **o tempo do artesanato** e o **tempo da encomenda**.” Dentro de sua pesquisa sobre as cadeias produtivas do artesanato de Alcântara, Noronha (2011, p.124) especifica o tempo do artesanato como um tempo que

(...) varia de acordo com a disponibilidade da matéria-prima, os tempos de secagem, e como o material se comporta em relação à variedade do ar. Estes parâmetros são variáveis e oscilam de acordo com o período do ano. As encomendas, ainda que poucas, chegam a toda época, sem que a ação do clima seja considerada e, portanto sem atentar-se para a própria característica do produto *terroir* - a sua ligação com o meio ambiente, com os costumes e as tradições associadas aos processos produtivos.

Por isso é importante que respeitemos o tempo de produção a fim de reafirmar a tradicionalidade da comunidade, tendo em vista que “o tempo de cada coisa” é o fator principal para agregar valores e dar relevo às vivências dos territórios. Fomentar a importância do tempo e do respeito aos seus momentos de aprofundamento em sua cultura é um pilar no exercício da criatividade e da cocriação de conhecimentos. Desenvolver mutuamente um espaço em que se converse com o tempo, com as subjetividades e com as técnicas criativas é uma forma de apropriação do território, da cultura daqueles que vivem e habitam esses territórios (Noronha, 2011). Portanto, vale refletirmos sobre a seguinte questão: “E aí a gente tem que parar, pensar, ver como é que a gente vai fazer, porque isso aqui vem agregar, não desconstruir.”<sup>10</sup>

## 6. Considerações Finais

Fomentar a possibilidade de geração de espaços rentáveis munidos de cultura e

<sup>9</sup> Depoimento de Nadir, concedido à Priscila Penha Coelho em 11.08.2023.

<sup>10</sup> Idem.

conhecimento fluído é característica de comunidades criativas e relevante pois a “maturidade, bem viver e bem-estar coletivo são categorias importantes para estabelecer a autonomia em um sistema, marcando a ideia de futuridade como um dos fatores que nos levariam a uma transição” Noronha (2018, p.128).

Vale ressaltar que ao considerarmos questões relacionadas ao processo de produção e reprodução de peças iguais, devemos, em contrapartida, levar em consideração o fato de que o artesanato é uma produção manual, única e pessoal, ainda que em grupo. E mesmo que tenha uma certa reprodutibilidade, cada peça será possuidora de suas particularidades, pois nela não cabe a ideia de produção industrial em larga escala.

Nadir Cruz reforça e levanta essa questão durante as oficinas, ao perceber que o processo de criação que lhes foi mostrado é livre e não precisa seguir padronizações ao pé da letra. Ela relata e compara o processo aos de oficinas anteriores: “E nós tínhamos aqui uma turma de 15 a 16 pessoas, mas nós não conseguimos fazer, por exemplo: ah, colares, cento e tantos colares do mesmo jeito, sempre tinha alguma coisa diferente um do outro, aí não emplacou.”<sup>11</sup>

O trabalho artesanal envolve subjetividade e por isso é capaz de envolver sentimentos como uma filosofia de vida. É intrínseco à comunidade criativa do Boi da Floresta, e nota-se no seu dia-a-dia as narrativas afetivas que se concentram em seu ambiente. Esta questão vale um debate juntamente à Escobar (2016), já que ao falar sobre “*diseño ontológico*”, percebemos que observar é também criar formas de ser e existir. Assim expressar sentimentos é uma maneira de fortalecer a autenticidade das comunidades, é a forma como a vida das pessoas se articula com suas práticas e culturas. Reforçando a autonomia de sua existência e criando novos mundos, como maneira de garantir a sua individualidade.

## Referências

- BUCHANAN, Richard. **Design Research and the New Learning**. Design Issues: Volume 17, N. 4, Autumn 2001, p. 23.
- CRESWELL, John W. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. London: Sage Publications - 4th ed. 2014.
- ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseno: La realización de lo comunal**. Editorial Universidade do Cauca, 2016. 281 p.
- FEGHALI, Marta Kasznar et al. **O ciclo da moda**. São Paulo. Ed. Senac Rio, 2008.
- HARPER, Douglas. **Talking about pictures: a case for photo elicitation**. Visual Studies, Vol. 17. nº.1, 2002. Acesso em: 30.05.23.
- IPHAN. Dossiê de Registro do Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão. São Luis - MA. 2011. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie\\_bumba\\_meu\\_boi\(1\).pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_bumba_meu_boi(1).pdf). Acesso em: 10.10.22.
- IZIDIO, Luiz Lagares; MORAES, D.; LANNA, S. L. B. O ambiente de crise como causa política para o design. **Cuadernos del centro de estudios de diseño y comunicación**, v. 99, p. 1, 2019.

<sup>11</sup> Depoimento de Nadir, concedido à Priscila Penha Coelho em 11.08.2023.





LATOURE, Bruno. **Onde aterrar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro- RJ, 2020. Bazar do Tempo. 160p.

MACCAGNAN, Ana M.C. **A dimensão do toque na experimentação:** Uma investigação de espaços de hesitação no design / Dissertação de mestrado - Universidade do vale do Rio dos Sinos, Programa de pós-graduação em Design 2021. orientador: Dr. Guilherme Englert Corrêa Meyer – Unisinos – Porto Alegre, 2021.

MANHÃES, Juliana. **Memórias de um corpo brincante:** A brincadeira do Cazumba no Bumba-boi maranhense / Dissertação de mestrado - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de pós-graduação do curso de Artes Cênicas do Centro de Letras e Artes - UNI-RIO - RJ, 2009.

MANZINI, Ezio **Design para a inovação social e sustentabilidade:** comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro. E-papers, 2008. 104 p.

MINAYO, Maria Cecília. **Avaliação por triangulação de métodos:** abordagem de programas sociais. Ed. Fundação Oswaldo Cruz. 2005. 244 p.

MOURA, Tainara Schuquel de. **O upcycling na construção de novas peças do vestuário a partir de itens em desuso.** UTFP - Paraná, 2017. 90 p.

MOURÃO, Nadja. **Crochetar com design:** laços de afetos em tempos atuais. P&D - Minas Gerais - 2022. Disponível em: <https://pdf.blucher.com.br/designproceedings/ped2022/1919890.pdf>. Acesso em: 10.08.23.

NORONHA, Raquel. **Identidade é valor:** às cadeias produtivas do artesanato de Alcântara. São Luís: EDUFMA, 2011.

NORONHA, Raquel. The collaborative turn: challenges and limits on the construction of a common plan and on autonomia in design. **Strategic Design Research Journal** – UNISINOS, 2018.

NORONHA, R.; FURTADO, P. A. Designs do por vir: vida, movimento e corporeidade. **VIII Simpósio de Design Sustentável.** Curitiba-SC. 2021. 11 p.

SPINUZZI, Clay. The methodology of participatory design. **Technical Communication.** Volume 52, number 2. p.163-174, maio-2005.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 2ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 1986. 110 p.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação:** uma introdução metodológica. Universidade de Murdoch. Educação e Pesquisa: Revista da faculdade de educação da USP, São Paulo, v.31, n.3, p.443-446, set/dez. 2005.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial.** Ubu Editora. 1ª edição. 2020. 144 p.